

O céu em vitrais

“Entre os graus 15 e 20, existia um seio de terra bastante largo e longo, que partia de um ponto onde se formava um lago. E então uma voz me disse, repetidamente, quando vierem escavar os minerais ocultos no meio destes montes, surgirá aqui a terra prometida que mana leite e mel. Será uma riqueza inconcebível”

Giovanni Melchior Bosco

Os casamentos realizados na Igreja Dom Bosco, na 702 Sul, são tensos. A noiva que caminha no ritmo da *Marcha nupcial* em direção ao altar recebe olhares apreensivos. Esse momento tem um detalhe curioso: a lenda do lustre das virgens. Por muito tempo, uns acreditaram — e outros ainda repetem — que, quando uma virgem passar debaixo do lampadário de três toneladas e 7,4 mil peças de vidro Murano, o candelabro gigante cairá.

“O povo diz que está tão difícil casar-se virgem que pode acontecer isso mesmo!”, brinca a secretária paroquial Eliete Cristina da Silva, 32 anos. Até hoje, os seis cabos de aço que sustentam o gigante não deram sinal de possível queda. São revisados constantemente. E Eliete tranquiliza os pretendentes ao casório: “Inventaram essa história para atrair turistas”.

O lustre, criado pelo arquiteto Alvimar Moreira, não é o único atrativo do templo. Sem paredes internas, o santuário lembra uma fortaleza gótica, cercada por 80 colunas de 16m de altura, feitas para impedir a incidência direta do sol e o calor excessivo. São intercaladas por vitrais em 12 tonalidades de azul projetados por Cláudio Naves. Ainda é possível observar as variações dessa cor no ambiente. Pela manhã, o azul-claro reina. Por volta das 15h até às 17h, o azul-escuro dá a ideia de céu estrelado. Para contrastar suavemente, em cada um dos quatro cantos da Dom Bosco existe uma coluna de vitrais róseos. Ao todo, co-

brem 2.200m² de um espaço de crença e reflexão.

Ao fundo do altar, está o anfitrião. Mais discreto e sem tanto brilho quanto os outros elementos, o Cristo crucificado mostra um rosto triste, mas encantador. Parece receber as visitas de braços abertos. Foi esculpido pelas mãos de Gotfredo Traller, que utilizou-se de um único tronco de cedro para entalhar a obra. São 4,3m de imponência sobre uma cruz de 8m.

Homenagem

Nas portas em ferro e bronze da igreja, o ceramista e pintor Gianfranco Cerri gravou desenhos em baixo relevo sobre a vida de São João Belchior Bosco. Desde criança, Bosco dizia ter sonhos premonitórios e um deles chamou atenção: o de 30 de agosto de 1883. Durante o sono, teve uma visão sobre uma importante civilização que surgiria com a construção de uma cidade, entre os paralelos 15 e 20, no Hemisfério Sul, ao lado de uma

cadeia de montanhas e perto de um lago.

A profecia reforçou as ideias do presidente Juscelino Kubitschek para a construção de Brasília e deu um toque místico aos planos da cidade, hoje patrimônio da humanidade. O santo italiano foi homenageado com o título de padroeiro da capital e com a construção do santuário, projetado pelo mineiro Carlos Alberto Naves, aluno de Oscar Niemeyer.

Construída em 2 de junho de 1963 e sagrada sete anos depois, a igreja comporta 1.200 pessoas sentadas, que podem apreciar o altar de 10 toneladas de mármore rosa. Desde então, foram trocados o telhado, o revestimento acústico, a pintura das colunas e das salas internas e as 430 lâmpadas. O pároco do santuário, padre Oscar de Faria Campos, comenta que é importante manter o monumento impecável. “É visível que a igreja foi feita com muito carinho e capricho. Temos que dar continuidade e tentar preservar ao máximo tanto a estrutura física como o ambiente de reflexão.”

